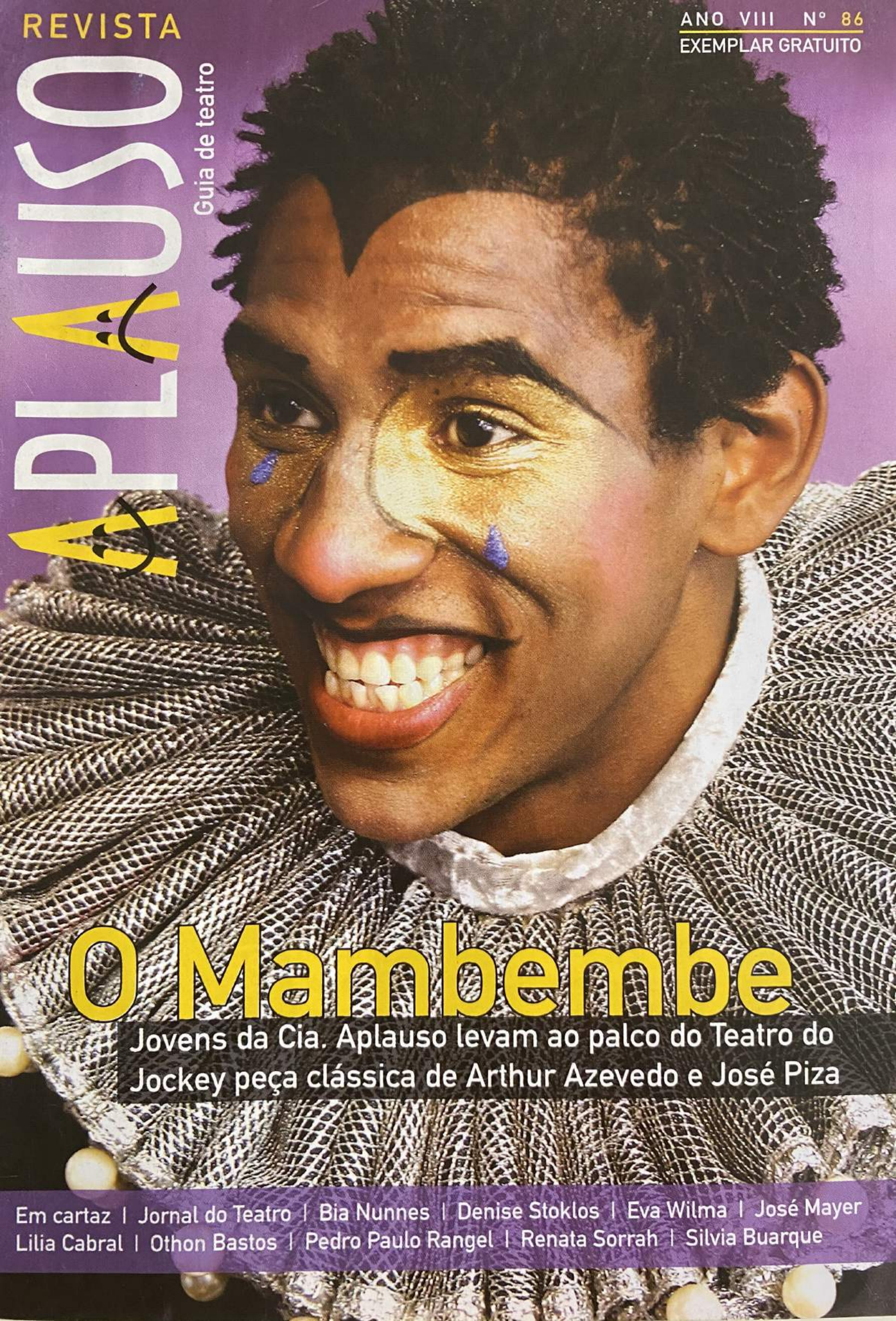
REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro
ANO VIII Nº 86
EXEMPLAR GRATUITO



O Mambembe

Jovens da Cia. Aplauso levam ao palco do Teatro do Jockey peça clássica de Arthur Azevedo e José Piza

Em cartaz | Jornal do Teatro | Bia Nunnes | Denise Stoklos | Eva Wilma | José Mayer
Lilia Cabral | Othon Bastos | Pedro Paulo Rangel | Renata Sorrah | Silvia Buarque

Colecione os últimos 8 anos de teatro

Assine Aplauso!

Assinatura semestral R$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2233-6648 e 2263-1372 ou

e-mail: danialbuquerque@aplauso.art.br

oleção completa de Aplauso por R$ 240!

www.aplauso.art.br

Teatro essencial

"Minha estréia foi aos 18 anos, escrevendo e dirigindo em Curitiba. Aluguei um teatrinho, reuni os amigos e vendi ingressos. Depois comecei a trabalhar com vários diretores: Ademar Guerra, Antunes Filho, Antonio Abujamra e Fauzi Arap. Isso até 1977, quando fiz o espetáculo *Mary Stuart* e cunhei a expressão Teatro Essencial, que se refere à presença mínima de elementos cênicos e a atriz na sua plenitude de voz e corpo, para expressar a entonação de suas atitudes e seus gestos.

Neste meu novo espetáculo, *Cantadas*, em cartaz no Oi Futuro, segui um rumo diferente. Ele foi concebido em etapas. Primeiro pensei nele sozinha. Depois chamei o Hugo Rodas. Só então veio o Abujamra para uma terceira camada. Ele trouxe um pouco mais de *cerebralidade*, uma característica dele. Eu pensava numa coisa mais visceral, um chamamento ao exercício do amor entre duas pessoas. A proposta permaneceu a mesma, mas com um formato mais palavreado. O que me agrada também.

O Abujamra me dirigiu em *Um orgasmo adulto escapa do zoológico* (1983) e *Habeas corpus* (1986), além de dois especiais para a tevê. Desde então, não fizemos nada no palco. Eu estava com muita vontade de trabalhar com ele novamente e quis fazer uma parceria. O André Abujamra, filho dele e músico, fez uma trilha completamente autoral e está em cena comigo – o que é muito diferente para mim, sempre estive só no palco. Não sei como vai ficar o Teatro Essencial depois dessa experiência, só depois do trabalho poderei dizer...

Para mim, a função do teatro é colaborar com a reflexão das pessoas sobre as suas próprias vidas. Espero que pelo menos isso eu possa fazer. O teatro deve ser aquele lugar onde possamos mostrar que estamos em movimento. Uma entrega que só se dá através das artes. Só na hora que o público entra é que descobrimos o que é o espetáculo. O público é o nosso assistente de direção."

Denise Stoklos, agosto de 2007

THAIS STOKLOS / DIVULGAÇÃO

Memórias de chumbo

Um texto teatral para que os adolescentes de hoje saibam um pouco mais sobre os anos de chumbo. Esta foi a encomenda do produtor Oddone Monteiro ao autor Luiz Carlos Maciel, que resultou na peça musical *Lembranças de um sonho*, que gira em torno de um triângulo amoroso reunindo uma militante de esquerda, um direitista e um hippie. Em cena, 31 atores sob direção geral de Regiana Antonini e direção musical de Paulo Severo. A estréia está marcada para o dia 16 de agosto, no Teatro Glória.

Carpideiras

Marieta Severo e Andréa Beltrão estão na reta final dos ensaios da peça *As Centenárias*, sob direção de Aderbal Freire-Filho. O texto de Newton Moreno sobre morte e cultura popular foi encomendado pelas atrizes e inspirado na cumplicidade da dupla. Amigas desde 1989, elas dividem a cena para interpretar as carpideiras nordestinas Socorro e Zaninha, que tentam enganar a morte. A previsão de estréia é na primeira semana de setembro, no Teatro Poeira. Já pode reservar a agenda!

Dose dupla...

... do diretor Antunes Filho. No Espaço Sesc, os espetáculos *Prêt-à-porter 8 e 9* apresentam três performances cada, expondo a síntese do seu método desenvolvido no CPT (Centro de Pesquisa Teatral) do SESC. *Prêt-à-porter 8* acontece no dia 14 de agosto (19h e 21h30) e *Prêt-à-porter 9* no dia 15 (19h e 21h30). Já no Sesc Tijuca, até 26 de agosto, estará em cartaz *A pedra do reino* – espetáculo teatralizado por Antunes a partir das obras "Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta" e "História do rei degolado nas caatingas do sertão: ao sol da onça Caetana", ambas de Ariano Suassuna.

Bis

Sergio Britto volta aos palcos com o monólogo *Jung e eu*, em curtíssima temporada, de 6 a 16 de setembro, no Espaço Sesc. O texto de Domingos Oliveira e Giselle Falbo Kosovski, com direção de Domingos Oliveira, rendeu indicação ao Prêmio Shell de Melhor Ator em 2005.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels.: (21)2233-6648, 2263-1372, 2516-5056 e (21) 7820-3012. E-mail: danialbuquerque@aplauso.art.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Janaína Medeiros (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Wall Print. Capa: Bia Sasso / divulgação

www.aplauso.art.br

Lilia Cabral

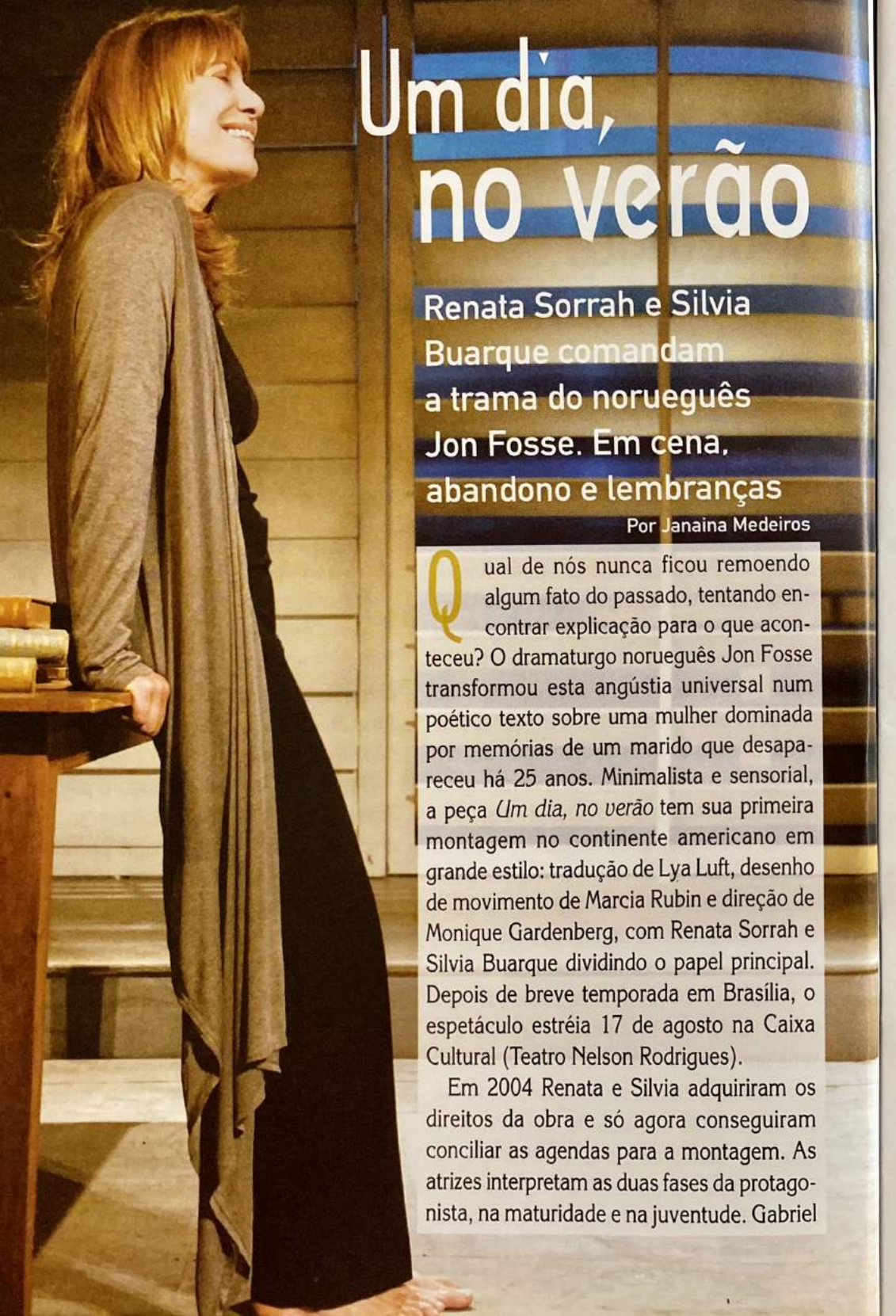
A pedidos

Protagonista da peça *Divã*, Lília Cabral está em cartaz no Teatro Vanucci

Li o livro *Divã*, de Martha Medeiros, em 2003, e logo pensei em encená-lo. Entrei em contato com ela para adquirir os direitos e passei o ano de 2004 procurando patrocínio e trabalhando na adaptação com Marta Góes e Marcelo Saback. Em 2005, estreamos no Teatro Laura Alvim. No mesmo ano fomos para o Teatro das Artes e, logo depois, para o Teatro Faap, em São Paulo. Em janeiro de 2006, tivemos um mês de apresentações em Portugal. Em seguida, quase três meses de nova temporada paulista. Depois viajamos por Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Campo Grande, Salvador e Vitória, entre outras cidades. Foram 150 mil espectadores em mais de 200 apresentações até agora, quando voltamos a encenar a peça no Rio.

Voltando a 2003, de cara enxerguei que o livro daria uma bela peça – mas não que seria um sucesso. Muito menos este sucesso estrondoso. Porque o sucesso é algo que não se explica e não tem uma fórmula pronta. Só que, pelo afinco com que trabalhamos, eu tinha certeza de que teria um retorno positivo. E foi o que aconteceu. Não ganhamos prêmios, só indicações do Shell de Melhor Atriz, Melhor Diretor e Melhor Ator. Também não se pode ter tudo!

Nestes dois anos encenando a peça em lugares tão diferentes, tivemos as mais diversas reações do público. A postura de vida do cidadão de cada região é diferente, mas não em relação à comoção. *Divã* fala do sentimento humano, o que toca de maneira universal. Retornamos agora ao Rio a pedidos. A princípio, a nossa temporada no Teatro Vanucci será de dois meses. Ou até o público se cansar. Da nossa parte, não cansamos nunca. Pelo contrário. Estou de volta com um outro amadurecimento para fazer o mesmo personagem, e nada mais prazeroso que isso. Quando não der mais prazer, aí sim será hora de acabar."



Um dia, no verão

Renata Sorrah e Silvia Buarque comandam a trama do norueguês Jon Fosse. Em cena, abandono e lembranças

Por Janaina Medeiros

Qual de nós nunca ficou remoendo algum fato do passado, tentando encontrar explicação para o que aconteceu? O dramaturgo norueguês Jon Fosse transformou esta angústia universal num poético texto sobre uma mulher dominada por memórias de um marido que desapareceu há 25 anos. Minimalista e sensorial, a peça *Um dia, no verão* tem sua primeira montagem no continente americano em grande estilo: tradução de Lya Luft, desenho de movimento de Marcia Rubin e direção de Monique Gardenberg, com Renata Sorrah e Silvia Buarque dividindo o papel principal. Depois de breve temporada em Brasília, o espetáculo estréia 17 de agosto na Caixa Cultural (Teatro Nelson Rodrigues).

Em 2004 Renata e Silvia adquiriram os direitos da obra e só agora conseguiram conciliar as agendas para a montagem. As atrizes interpretam as duas fases da protagonista, na maturidade e na juventude. Gabriel Braga Nunes é Otto – o único personagem com nome –, o esquivo marido que foge repentinamente. A peça se passa em dois tempos cronológicos e climáticos: presente (verão), em que a mulher madura evoca suas lembranças, e passado (outono), em que a mulher jovem ainda está casada. Mas não há *flashback*. Ambas as realidades se confrontam no palco, um embate da protagonista que não se liberta do vácuo deixado pelo abandono e se vê assombrada pela reconstituição daquele último dia.

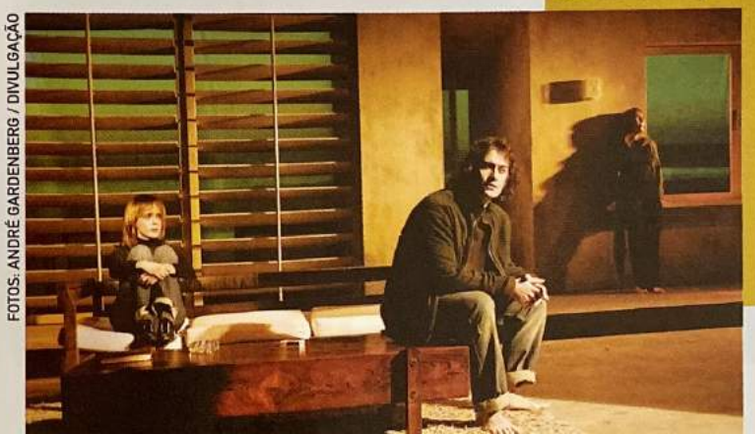
Poesia

Aquele dia, aquele barco de madeira, aquela partida. Nenhum argumento, nenhuma pista, nenhum adeus. Será? Repetições quase mântricas que mantém a platéia hipnotizada diante da tensão crescente em cena. Chama atenção a poesia do texto, que pontua o estado de espírito desta mulher por meio das alterações da natureza, aqui representadas pela cenografia de Hélio Eichbauer, figurinos de Rita Murtinho e iluminação de Maneco Quinderé. "As pessoas pensam que um autor norueguês vai falar de uma realidade diferente. Não. Essência humana é a mesma em todos os lugares", destaca Renata Sorrah.

"Um amigo da Alemanha me apresentou a esse texto e o que me fascinou foi como o autor tem um domínio sobre a linguagem e é poético. E tem um tempo muito próprio de falar sobre incomunicabilidade, perda e ausência. Neste mundo tão descartável de hoje, é bonito você ter este tempo no teatro para tentar entender a delicadeza das relações", continua Renata, bastante empolgada com a peça. "A mulher do presente olha para a mulher do passado, a lembrança se mistura à realidade. O que impressiona na peça é o fato de ela ser sensorial, profunda e, ao mesmo tempo, simples", revela Silvia Buarque. A conferir!

Perfil do autor

Jon Fosse nasceu em 1959, na cidade de Haugesund, Noruega, e estreou na literatura em 1983. Antes de se tornar dramaturgo, foi músico e escritor, chegando a publicar 15 livros – entre romances, poesias, ensaios, novelas e histórias infantis. Desde então, teve 27 peças encenadas em 36 países, e hoje é tido como o maior nome da literatura dramática norueguesa depois de Henrik Ibsen. Levada aos palcos pela primeira vez em 1999, em Oslo, *Um dia, no verão* já teve sete montagens na Europa (Alemanha, Inglaterra, Finlândia, Suíça, França, Holanda e Islândia) e uma no Japão, comprovando o caráter universal da trama.



FOTOS: ANDRÉ GARDENBERG / DIVULGAÇÃO

>>

Rock versus eletrônico

Depois de adquirirem os direitos da peça, Renata Sorrah e Silvia Buarque convidaram Monique Gardenberg para dirigir e produzir. Por sua vez, a diretora, dona da Dueto Filmes, convidou Bianca de Felippes, dona da Gávea Filmes, para co-produzir. A escassez de ação dramática de *Um dia, no verão* foi um grande desafio para Monique, que dirigiu *Os sete afluentes do Rio Ota* e *Baque* no teatro e tem uma carreira sólida no cinema. "Como numa pintura, em que a imagem é trabalhada através da sobreposição de camadas, a narrativa de Fosse parece descrever infinitas vezes a mesma 'imagem', atingindo, através desse recurso, camadas cada vez mais profundas", compara Monique, que também assinou com seu irmão, André, a trilha sonora do espetáculo – com pitadas de rock, para o passado, e de temas eletrônicos minimalistas, para o presente.

A identidade sonora é traçada por músicos nacionais como Toni Platão, Arnaldo Antunes e Renato Russo. Entre os internacionais estão Craig Armstrong, Nancy Sinatra e Philip Glass. "Há muito tempo queria trabalhar com a Monique. A Silvia e eu decidimos que ela tinha que fazer parte deste projeto", conta Renata Sorrah, pela primeira vez dirigida por Monique Gardenberg.

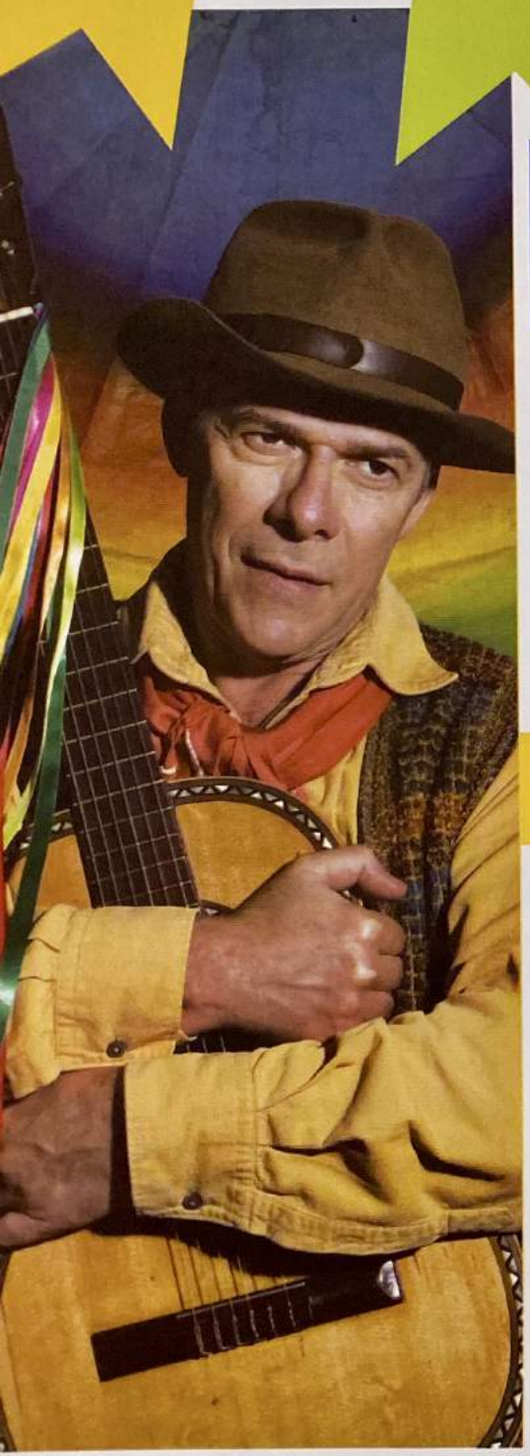
Natureza presente

Além de Renata, Silvia e Gabriel Braga Nunes, também estão no elenco Bia Junqueira e Dadá Maia (revezando-se como a amiga da protagonista, no passado e no presente) e Fernando Eiras (o marido da amiga, no passado). A natureza é um quinto personagem da peça. "O texto foi escrito sem marcas de pontuação e traduzido brilhantemente pela Lya Luft, que manteve a clima poético original. E fala muito da natureza, daí a importância de trazermos um pouco dela para o palco", conta a co-produtora Bianca de Felippes. As indicações sensoriais conduziram a iluminação de Maneco Quinderé, pautada nas variações de luz sugeridas pela passagem do tempo. Efeitos especiais de chuva e vento incitam a atmosfera de apreensão e mistério propostos por Jon Fosse. "O vento anuncia uma tempestade e começa a chuva em cena, cada vez mais forte, enquanto acontece o momento crítico do desaparecimento. É quase um instante místico, de drama muito forte, talvez o momento mais intenso da peça", diz a cenógrafa assistente Cristina Novaes.

Esperando na janela

Tanto na maturidade quanto na juventude, a mulher contempla o mar através de sua janela. Foi a recorrente indicação do autor que inspirou Monique Gardenberg sobre o espaço cênico. Hélio Eichbauer optou por um cenário longitudinal como uma tela de cinema, que se volta para a natureza, deixando a protagonista quase todo o tempo de costas para o público, o que acentua a sua condição de isolamento e solidão. O cenário reproduz, a 4,8 m de distância da boca de cena, a fachada frontal interna de uma casa de praia: à esquerda, quatro portas giratórias laminadas para uma varanda; à direita, um longo corredor de acesso à porta principal da casa e uma ampla janela com vista para o mar.

Há uma extensa faixa de areia, delimitada ao fundo por um ciclorama, onde são projetadas imagens do mar e do céu em movimento. Desta forma é criado um segundo plano de ação (a praia), conferindo profundidade e perspectiva ao espaço cenográfico. "O público olha a vista desta varanda, as imagens do mar projetadas neste telão. É deslumbrante. Muito simples e grandioso", elogia Bianca de Felippes. "A diretora quis mostrar o bolor do tempo através da cenografia. As paredes da casa são desgastadas, mostrando que o tempo que passou e ficou estagnado para a personagem", conta Cristina Novaes.



Um boêmio no céu

Amir Haddad e José Mayer resgatam peça inédita no palco de Catullo da Paixão Cearense

Dizem que brasileiro não tem memória. A máxima pessimista assume ares de verdade ao se descobrir que uma peça escrita em versos por Catullo da Paixão Cearense em 1945 ainda permanece inédita em 2007. Há 10 anos foi este também o espanto do ator José Mayer, quando ganhou de sua esposa o livro com o texto encontrado num sebo. Desde então aguardava a hora certa para encená-lo. E ela chegou. Dividindo o palco com Antonio Pedro, sob direção e dramaturgia de Amir Haddad, pela primeira vez estréia *Um boêmio no céu*, no Teatro Villa-Lobos.

Parece até uma conspiração do destino que o espetáculo seja, enfim, encenado no teatro batizado com o nome do mestre que um dia declarou ter em Catullo uma de suas grandes influências: Villa-Lobos. Além dele, Procópio Ferreira e Mário de Andrade também o reconheciam como grande criador de imagens e sons. Músico, dramaturgo, autor e *performer*, Catullo da Paixão Cearense ficou esquecido num tempo em que não se valorizam tanto as raízes brasileiras. Mas foi exatamente isso que fascinou Haddad ao ser convidado por Mayer, que também produz a peça musicada. "Trata-se de uma restauração afetiva da identidade brasileira, tão escorraçada ultimamente", observa.

Em versos

Tudo começa quando um trovador boêmio (José Mayer) morre no dia de São Pedro e tenta convencer o santo (Antonio Pedro) de que é digno de entrar no céu. O espetáculo tem sua história contada em versos decassílabos e é repleta de lirismo, humor, irreverência e romantismo. "Catullo é o nosso Shakespeare tupiniquim", define Mayer, que tem feito aulas diárias de canto para interpretar oito canções. Sob direção musical de José Maria Braga, houve uma seleção de composições de Catullo da Paixão Cearense que se encaixassem perfeitamente com o texto da peça, como *Luar do sertão*. Para completar, um texto de Catullo foi também musicado para ser cantado por Antonio Pedro.

"O boêmio é um representante do amante, do melodrama e do lirismo exacerbado. É uma peça que enaltece a alma e a sensibilidade brasileiras. Uma jóia que o público vai adorar conhecer", aposta Mayer. Com cenografia de Hélio Eichbauer e figurinos de Biza Viana, a forte ligação do nosso povo com a religião e as festas populares do interior é expressa através da riqueza de cores e imagens da ambientação de palco. "O público vai se sentir estimulado e saneado contra os ventos inóspitos que o lixo da cultura pop traz", decreta Amir Haddad, grande defensor da cultura popular brasileira.

5 x Haddad

Com 70 anos de idade recém-completados, Amir Haddad está mais incansável que nunca. Só neste ano fez a supervisão de dramaturgia de *O autofalante*, *Brincando em cima daquilo* e *A alma imoral* (esta última ainda em cartaz). Como diretor, além de *Um boêmio no céu*, está à frente da peça *Auto de angicos*, que tem Marcos Palmeira e Adriana Esteves no elenco – ainda em fase de ensaios, com previsão de estréia no dia 20 de outubro, no Espaço Sesc. Sem falar no seu grupo teatral Tá na Rua, que continua a mil. "O teatro tem uma função curativa e quase religiosa. Não por acaso na Grécia Antiga o setor destinado ao teatro era o mesmo destinado à saúde pública", conta.

FOTOS: MARC VAN LENGEN / DIVULGAÇÃO

O MAMBEMBE

Cia. Aplauso remonta clássico de Arthur Azevedo e José Piza

Por Janaina Medeiros

FOTOS: BIA SASSO / DIVULGAÇÃO

Uma peça de teatro sobre teatro. E que um século depois de ter sido escrita permanece atual ao tratar das agruras e dissabores de uma companhia que luta para sobreviver de arte. Este é o mote de *O mambembe*, texto de Arthur Azevedo e José Piza escolhido pela *Cia. Aplauso* para sua mais nova apresentação. O espetáculo, com direção artística de Cininha de Paula, estréia dia 14 de agosto no Teatro do Jockey.

Prepare-se para se emocionar: nascem duas estrelas no panorama teatral carioca. A cantora Rose Ribeiro, 19 anos e dona de uma voz excepcional, e o multitalentoso artista César Calixto, 26 anos, que atua, dança, canta e faz performances circenses no solo e aéreas. Ex-alunos do *Projeto Talentos da Vez*, eles estão na companhia há dois anos. Rose, mezzo soprano, está escolhendo repertório para o seu primeiro show que deve ser produzido ainda este ano. Em *O mambembe*, faz dois números solo e participa de todos os outros números musicais coletivos. Alguns coordenados com dança, o que é um grande desafio.

Uma família

"Cantar para mim é uma paixão. Quando canto, sinto paz dentro de mim. O meu grande diferencial talvez seja a emoção, acho que passo isso para os outros. Sinto o meu timbre de voz ficando bonito e exploro o máximo isso", diz a cantora. E a diretora musical do espetáculo, Liliane Secco, concorda. "A Rose tem uma voz privilegiada: com extensão muito grande, potência enorme e timbre muito bonito. E chama a atenção pela forma de cantar. Ela passa muita intensidade, emoção e verdade", elogia. "E é uma cantora que atinge agudos e graves muito além da extensão normal de uma mezzo. É por isso que ela arrepia e impressiona muito ao cantar. A potência vocal é o mais impactante. Sem falar na versatilidade. Ela

>>

canta músicas explosivas de um modo tecnicamente perfeito e outras mais suaves de modo emocionante. E quem conhece música sabe o quanto juntar estes dois elementos é difícil", esclarece Liliane, em seu primeiro trabalho com a *Cia. Aplauso*.

Já o desejo maior de César Calixto é se tornar um artista completo. E já está muito próximo de seu objetivo. Com presença de palco marcante, atrai olhares e elogios a cada trabalho realizado. "Somos uma família aqui. O meu diferencial deve ser a minha vontade de vencer. Tenho muita gana e dedicação, estou sempre batalhando e correndo atrás do meu objetivo. Nada me impede de chegar onde eu quero, na medida do possível ultrapasso todas as barreiras", anuncia César, que mês que vem participa da turnê da *Cia. Aplauso* pela Alemanha e sonha fazer faculdade de teatro.

Amor pelo teatro

A trama conta a história da itinerante Cia. Mambembe do empresário Frazão (Gilson Carlos), que convida a inexperiente Laudelina (Laís Clara) para ser a primeira atriz da companhia, despertando o ciúme de todos – principalmente do namorado Eduardo (César Calixto) e das atrizes da trupe, entre elas a Margarida (Beatriz Martins). Apesar dos conflitos, tudo é resolvido com muito humor. Até que a companhia finalmente se apresenta com sucesso graças à ajuda do milionário Chico Inácio (Alex Vicente), apaixonado por teatro.

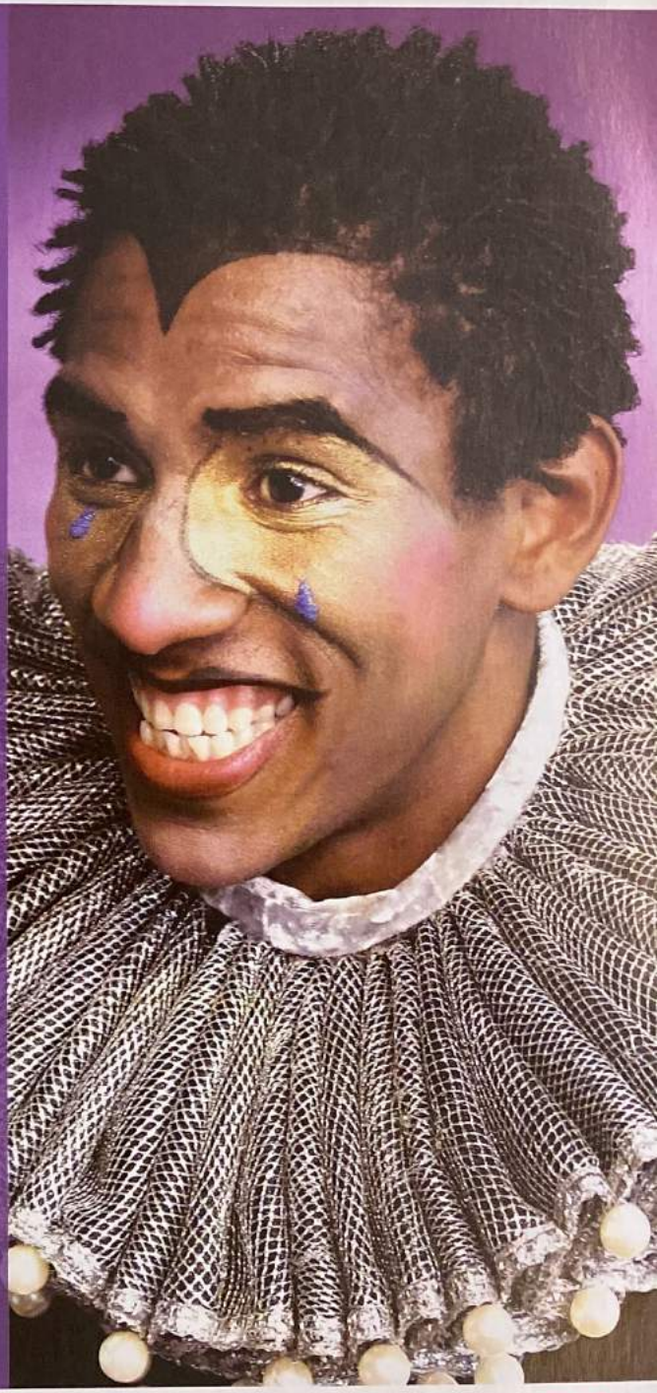
A adaptação do texto foi assinada por Claudia Ricart, que reduziu o número de personagens para 30 e atualizou algumas expressões de época. "O texto fala do amor pelo teatro e, ao mesmo tempo, faz uma crítica construtiva.

Trajetória de sucesso

O espetáculo *Amazônia, vida e mistério* estreou no Teatro Sergio Porto com platéia lotada em dezembro de 2006. Desde então, a *Cia. Aplauso* o tem apresentado fora do Rio, como no Teatro Nacional em Brasília. A trajetória de sucesso também rendeu convites para encená-lo em eventos socioculturais de grande expressão. Entre eles: *Programa Ação Global* em São Paulo (público de 10 mil pessoas); *FITA* - Festival Internacional de Teatro de Angra dos Reis (1,5 mil pessoas); *Festival Mercadão Cultural* no Teatro Carlos Gomes (1,2 mil pessoas); *Festival Tangolomango* no Circo Voador (mil pessoas); e *Parada Iluminada* na Avenida Atlântica (120 mil pessoas). Tamanha repercussão chamou a atenção dos organizadores do São Paulo Fashion Week, maior evento de moda da América Latina. Em junho de 2007, a *Cia. Aplauso* abriu o desfile da grife Raia de Goeye, com performance dirigida pelo estilista Felipe Veloso e pelo artista plástico Vik Muniz. No início deste mês, o grupo se apresentou por três dias na Mostra Sistema Fiesp de Responsabilidade Socioambiental, no Pavilhão da Bienal, em São Paulo.

Ficha Técnica da Cia. Aplauso

Direção Executiva
Ivonette Albuquerque
Direção Artistica
Cininha de Paula
Direção Musical
Liliane Secco
Direção de Palco
Eduardo Gomes
Assistente de Direção
Claudia Ricart e Charles Daves
Companhia Aplauso
Dani Albuquerque
Coordenação de Produção
Rita Rimoli
Figurino
Ana Lu e Alex de Oliveira
Coreógrafo de Dança
Eduardo Gomes
Preparação de Ator
Simone Beghinni
Coreógrafas de Acrobacia
Luciana Belchior e
Camila Moura
Preparador Vocal
Nathalia Dias
Arranjos
Rodrigo Braga
Percussão
Michel Feliciano
Operador de Áudio
Clayton Peçanha
Músico
Diogo Prince
Maquiagem
Alexandre Rudah



E as dificuldades de produção, realização e elenco são muito atuais", observa Claudia. "Também achei que seria interessante por oferecer uma oportunidade aos artistas de exercitarem a comédia pela primeira vez", comenta a diretora Cininha de Paula, referindo-se ao repertório da companhia, cujas peças anteriores *O paraíso é nosso*, *Morro de amores*, *5 X Rodrigues & Rodrigues* e *Amazônia, vida e mistério* são calcadas em lendas, história e realismo.

Em *O mambembe*, os 50 integrantes da *Cia. Aplauso* se revezam em atuações, danças, acrobacias e até cenário. Sim, porque os artistas usam o próprio corpo para representar portas, cadeiras, poltronas, mesas e balcão. Além disso, elementos cenográficos são colocados sobre os atores, como tacos de sinuca e copos. "O trabalho de corpo tem sido fundamental e eles estão num nível bem avançado. Todos dão opiniões e têm comprometimento", conta o diretor de palco e coreógrafo de dança, Eduardo Gomes.

Batucada

As músicas são outro ponto alto. Com direção musical de Liliane Secco, o espetáculo apresenta um coral com nove artistas que cantam *O bar*, de Zé Rodrix e Miguel Paiva; *A cidade dos artistas* e *O circo místico*, de Chico Buarque; *A atriz*, de Roberto Carlos (com arranjo de bolero romântico); *Nos bailes da vida*, de Milton Nascimento; e *O país das atrizes*, de Oswaldo Montenegro (em ritmo de blues). As duas últimas em número solo de Rose Ribeiro. "Não conseguimos encontrar as partituras originais de Assis Pacheco, nem as gravações. Então a Cininha sugeriu músicas contemporâneas que tivessem a ver com o teatro e o circo", revela Liliane, empolgada com seu primeiro trabalho com a *Cia. Aplauso*.

Além das seis canções, há *As mágicas luzes da ribalta* – samba-enredo da Beija-Flor em 1987, que retrata o teatro e vai ser tocada ao vivo no encerramento do espetáculo. "Vamos começar com um arranjo diferente e depois cair no sambão durante os agradecimentos. Vai ser uma grande batucada com os artistas da companhia tocando cavaquinho, tamborim, caixa, surdo, ganzá, chocalho e pandeiro", explica a diretora musical, que incluiu um número de percussão no meio do espetáculo. "É importante porque integra e estimula a sensibilidade musical de todos. Fiquei encantada com o talento e o empenho deles. Estou animadíssima para fazermos muitos outros trabalhos", comemora.

Para a concepção visual, a *Cia. Aplauso* optou por um tom circense que tem a ver com a trama. Os figurinos de Alex de Oliveira e Ana Lu são inspirados em *clowns*, arlequins, colombinas, pierrôs e pantaleões. "Houve um consenso geral sobre este visual circense porque o circo é uma realidade absurdamente atual e de época. As primeiras casas de espetáculo foram as lonas e até hoje são elas que levam peças para áreas que não têm teatro. O trabalho de Deborah Colker, Cirque Du Soleil e Intrépida Trupe também foram uma inspiração para este visual", conta Cininha de Paula.

De malas prontas para a Alemanha

Depois da bem-sucedida parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, o Instituto Stimulu Brasil, gestor da *Cia. Aplauso*, recentemente consolidou apoio do *Programa Petrobras Cultural* – cujo patrocínio se dá através da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura. Criada em maio de 2005, a companhia é composta por 50 jovens de 37 comunidades de baixa renda da cidade do Rio e tem seu trabalho de estímulo à cidadania cultural reconhecido internacionalmente. Ano passado, após uma visita dos diretores da Fundação Bürgerstiftung, com sede em Hamburgo (Alemanha) e que investe em projetos sociais no mundo inteiro, surgiu um convite para a *Cia. Aplauso* ser a única representante brasileira a participar do prestigiado *Festival Internacional de Teatro Jovem Explosive!*, que percorrerá 15 cidades alemãs ao lado de outros 7 grupos nos meses de setembro e outubro.

Para a excursão, a companhia optou por apresentar *Amazônia, vida e mistério*. Foram selecionados 14 jovens entre os 50 da *Cia. Aplauso*, que serão acompanhados na Alemanha por 3 educadores. "Escolhemos *Amazônia* porque fala, através da trilha de Villa-Lobos, sobre um tema universal", esclarece Dani Albuquerque, coordenadora da *Cia. Aplauso*. No espetáculo são mostrados índios, com suas danças e melodias, e os artistas montam o cenário da floresta através de seus próprios corpos – encarnando rios, pássaros, lendas, perigos e surpresas. Gilson Carlos, 21 anos, é um dos escolhidos para a turnê. Ele entrou na primeira turma do *Projeto Talentos da Vez* e está na companhia desde o início. "Participar de um festival estudantil com companhias da Europa é, acima de tudo, uma abertura de portas. Ainda não caiu a ficha", comemora. "É uma responsabilidade muito grande", concorda Beatriz Martins, 18, que também fez parte da primeira turma do *Talentos* e integra a *Cia. Aplauso* há um ano e meio.

A fala das coisas

Literatura em cena: Adélia Prado e Marina Colasanti por Bia Nunnes e Pedro Paulo Rangel

Por Janaina Medeiros

Um mergulho literário de mais de um ano que resulta num mergulho teatral de pouco mais de uma hora. Temas como família, amor, perdas, adolescência, sexo e repressão tratados de maneira poética. Assim foi idealizado o monólogo *A fala das coisas*, fruto de uma intensa pesquisa da atriz Bia Nunnes sobre a obra das escritoras Adélia Prado e Marina Colasanti. Com roteiro de Bia e Pedro Paulo Rangel, que também assina a direção, a peça ficará em cartaz até 2 de setembro no Espaço Sesc - Sala Multiuso.

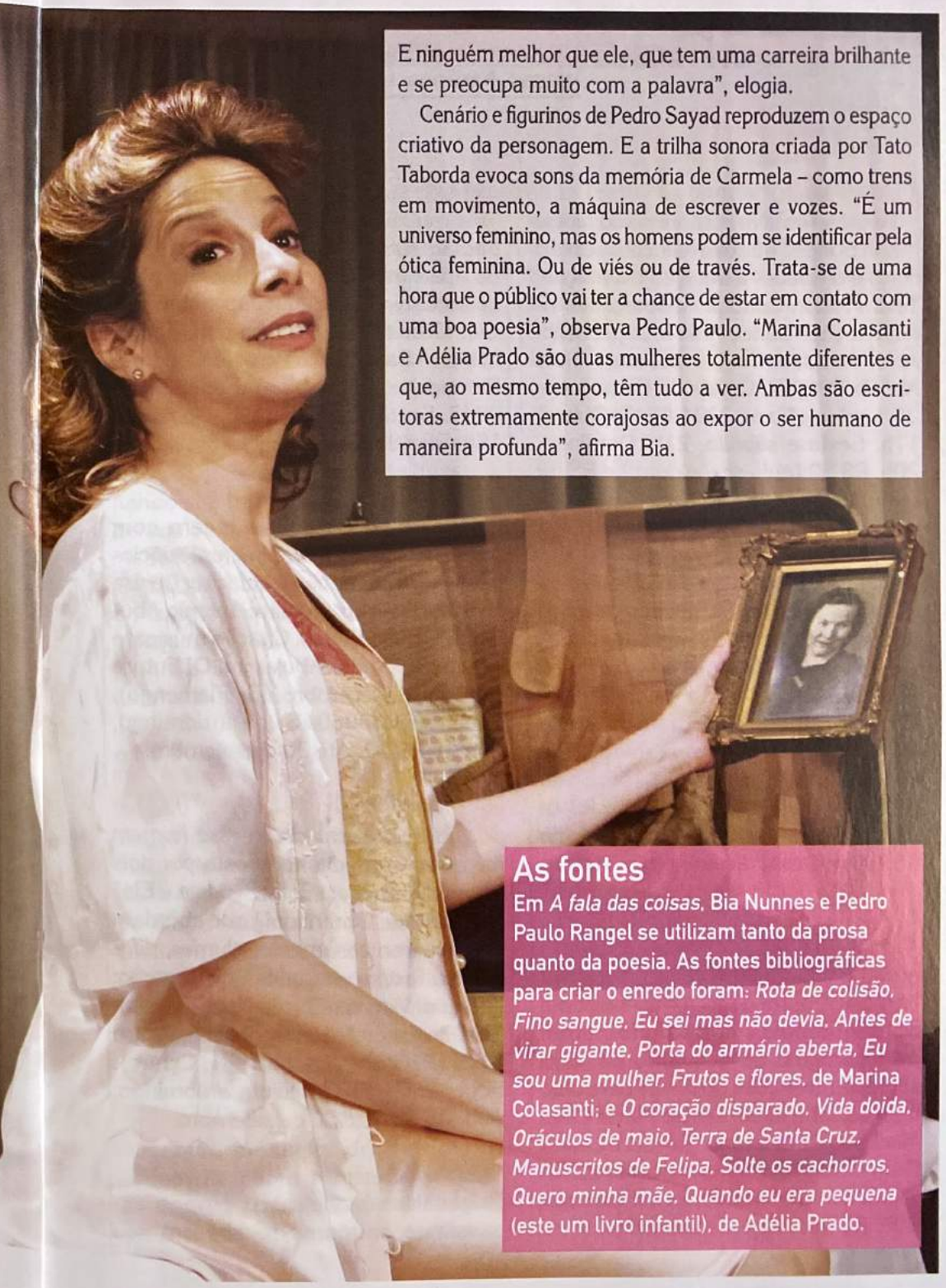
Bia Nunnes é Carmela, mulher madura que revê toda sua trajetória e questiona a si mesma enquanto escreve. Da saudade dos que já se foram aos prazeres e alegrias que teve, ela compartilha com o público os momentos marcantes de sua vida. Mas não se trata de um monólogo saudosista. Até mesmo porque, enquanto desenvolvia o roteiro, Pedro Paulo Rangel buscou textos de Adélia e Marina que fossem ricos em humor. "Era importante trazer essa leveza. A Carmela é uma mulher madura que revisita o seu passado. Mas se trata de uma história de superação, não de nostalgia", esclarece o diretor, lembrando que o nome da personagem foi extraído do livro *Quando eu era criança*, de Adélia Prado.

FOTO: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

Universo feminino

A atriz e idealizadora se surpreende positivamente com o resultado dramatúrgico do trabalho que Pedro Paulo Rangel fez a partir da literatura. "É como a Marina Colasanti sabiamente observou sobre a personagem: 'ela não sou eu, ela não é a Adélia, ela não é você. Ela é uma quarta pessoa. Somos todas nós'. A peça é quase uma terapia. Fala de todos nós, fala de gente, fala de nós brasileiros", define Bia Nunnes. "O Pedro entrou sabiamente para fazer a dramaturgia. Antes eu achava que tinha que ser uma mulher para *costurar* os textos e me dirigir. Mas a Marina me fez ver que seria mais interessante se houvesse o ponto de vista de um homem. E ninguém melhor que ele, que tem uma carreira brilhante e se preocupa muito com a palavra", elogia.

Cenário e figurinos de Pedro Sayad reproduzem o espaço criativo da personagem. E a trilha sonora criada por Tato Taborda evoca sons da memória de Carmela – como trens em movimento, a máquina de escrever e vozes. "É um universo feminino, mas os homens podem se identificar pela ótica feminina. Ou de viés ou de través. Trata-se de uma hora que o público vai ter a chance de estar em contato com uma boa poesia", observa Pedro Paulo. "Marina Colasanti e Adélia Prado são duas mulheres totalmente diferentes e que, ao mesmo tempo, têm tudo a ver. Ambas são escritoras extremamente corajosas ao expor o ser humano de maneira profunda", afirma Bia.



As fontes

Em *A fala das coisas*, Bia Nunnes e Pedro Paulo Rangel se utilizam tanto da prosa quanto da poesia. As fontes bibliográficas para criar o enredo foram: *Rota de colisão, Fino sangue, Eu sei mas não devia, Antes de virar gigante, Porta do armário aberta, Eu sou uma mulher, Frutos e flores*, de Marina Colasanti; e *O coração disparado, Vida doida, Oráculos de maio, Terra de Santa Cruz, Manuscritos de Felipa, Solte os cachorros, Quero minha mãe, Quando eu era pequena* (este um livro infantil), de Adélia Prado.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A ALMA IMORAL

Adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder, que traz reflexões sobre o certo e o errado, a tradição e a traição. Texto: Nilton Bonder. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50 (qui., sex. e dom.) e R$ 60 (sáb.). Até 30 de setembro.

A FALA DAS COISAS

Inspirada na obra das escritoras Adélia Prado e Marina Colasanti, personagem revê sua trajetória de tristezas e saudade. Roteiro: Bia Nunnes e Pedro Paulo Rangel. Direção: Pedro Paulo Rangel. Com Bia Nunnes. **Espaço SESC – Sala Multiuso** (R. Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 6. Até 2 de setembro (excepcionalmente não haverá espetáculo no dia 31/08).

A INSÓLITA COZINHA DE LEONARDO DA VINCI

A companhia teatral venezuelana Teatro Del Contrajuego apresenta uma história contada com muito humor pelo discípulo de Leonardo da Vinci sobre as invenções do pintor para criar uma cozinha ideal. **Teatro Maria Clara Machado – Planetário** (R. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. Até 2 de setembro.

AS VIZINHAS

Três mulheres diferentes e alucinadas passam a conviver no mesmo corredor de apartamentos em um condomínio do subúrbio. Texto, direção e atuação: Cia. Cearense de Molecagem. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R$ 40. Até 2 de setembro.

CANTADAS

Performances-solo que tecem com sensualidade temas de interesse sócio-políticos. Concepção e atuação: Denise Stoklos. Direção e roteiro: Antonio Abujamra e Hugo Rodas. Criação musical e execução: André Abujamra. **Oi Futuro** (R. Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10. Até 30 de setembro.

DÁ UMA ENTRADINHA

Só pra você sacar como esse homem me ama. Comédia composta por dois textos ("Virtuosa e Bela, Sensata é Ela" e "Marilda, a Oprimilda") que abordam temas como casamento, ciúmes, diferenças. Texto: Luiz Carlos Góis. Direção: Joaquim Vicente. Com Juliana Teixeira, Marcelo Escorel e Renato Reston. **Teatro SESI** (R. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta a domingo, 19h. R$ 30. Até 30 de setembro.

DESESPERADAS

Psicanalista planeja seu próprio assassinato enquanto recebe em seu consultório a visita inesperada de duas dondocas. A narração em *off* é de Zezé Motta. Texto e Direção: Jô Bilac. Com Cristina Pereira. **Teatro Vannucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terças, 21h. R$ 30. Até 26 de agosto.

DIVÃ

Mulher de 40 anos procura um analista por curiosidade e acaba questionando sua trajetória até então considerada bem-resolvida. Texto: Martha Medeiros. Direção: Ernesto Piccolo. Com Lilia Cabral, Alexandra Richter e Marcelo Valle. **Teatro Vanucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$ 40 (qui. e sex.), R$ 50 (dom.) e R$ 60 (sáb.).

ESTAÇÃO

Todos os humores do mundo. Um clube de comédia e improviso do dia-a-dia. Texto coletivo com direção de Pierre Nunes. Com Claudia Lara, Guilherme Bueno, Sil Esteves e Pierre Nunes. **Casa de Cultura Laura Alvim - Espaço Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Terça e quarta, 20h. R$ 26.

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

A versão brasileira do musical da Broadway conta a história verídica do travesti Charlotte, que atravessou o nazismo e o comunismo na Alemanha. Texto: Dough Wright. Direção: Herson Capri e Susana Garcia. Com Edwin Luisi. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50 (qui.), R$ 60 (sex.) e R$ 70 (sáb. e dom.). Até 2 de setembro.

FANFARRÕES, A PEÇA

Comédia inspirada nos famosos "entreatos", em que atores tinham de entreter a platéia com números cômicos no intervalo de cada ato teatral. Texto, direção e interpretação: Raul Franco e Mineirinho de Maceió. **Teatro Cândido Mendes** (R. Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R$ 25.

HÁ UM HOMEM NA MINHA CASA

História de amor entre uma mulher virgem e um policial maduro que condena o sexo antes do casamento. Texto: Chico Anysio e Elano de Paula. Direção: Rogério Fabiano. Com Suely Franco e Bemvindo Siqueira. **Teatro Ipanema** (R. Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Quinta e sexta, 21h. Sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 35 (qui. e sex.) e R$ 40 (sáb. e dom.). Até 2 de setembro.

ISADORA DUNCAN

Atriz apaixonada por Isadora Duncan encontra texto sobre a bailarina e busca por produtor para encená-lo, mas

esbarra em falta de patrocínio. Texto: Aguinaldo Silva. Direção: Bibi Ferreira. Com Letícia Spiller, Oscar Magrini, Marly Bueno, Anselmo Vasconcellos e Laura Proença. **Teatro Vanucci** (R. Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 21h30. R$ 60 (sáb. e dom.), R$ 50 (qui. e sex.) e R$ 30 (meia-entrada de qui. a dom.). Até 30 de setembro.

LAR...

Espetáculo integrante do projeto "Ocupação", a trama se passa numa loja de departamentos, onde um trio de vendedoras se depara com a falência do estabelecimento em que moram e trabalham. Texto: Cesar Amorim, Fernando Caruso e Renata Mizrahi. Direção: Diego Molina e Vinícius Arneiro. Com Letícia Medella, Tatjana Vereza, Tatynne Lauria e ator convidado. **Casa da Gávea - Sala Chiquinha Brandão** (Pça. Santos Dumont, 116/ sobrado - Gávea). Fone: 2239-3511. Domingo, 20h. R$ 20. Até 30 de setembro.

MACBETH

Texto: William Shakespeare. Direção: Moacir Chaves. Com Bruce Gomlevsky, Anna Esteves, Elisa Pinheiro, Julia Carrera, Gláucio Gomes, Fabiula Nascimento e elenco. **Teatro Maria Clara Machado – Planetário** (R. Padre Leonel Franca, 240 – Gávea). Fone: 2274-7722. Terça e quarta, 21h. R$ 15. De 14 de agosto a 30 de setembro.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, a personagem Dona Hermínia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas, cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro dos Quatro** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 40 (qui. e sex.) e R$ 50 (sáb. e dom.).

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais de uma mulher contemporânea são narradas com humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta, 17h. Sexta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 40 (qui.), R$ 45 (sex. e dom.) e R$ 50 (sáb.). Até 30 de setembro.

O MAMBEMBE

Espetáculo musical da Cia. Aplauso: 50 atores em cena contam a história da itinerante Cia. Mambembe, que enfrenta percalços para sobreviver da arte. Texto: Arthur Azevedo e José Piza. Direção artística: Cininha de Paula. Direção musical: Liliane Secco. Com Gilson Carlos, Laís Clara, César Calixto, Beatriz Martins, Alex Vicente e elenco. **Teatro do Jockey** (Rua Mario Ribeiro, 410, Lagoa, estacionamento gratuito e Rua Bartolomeu Mitre, 1110, Gávea, entrada de pedestres). Fone: 2540-9853. Terças e quartas, 20h. R$ 10. Dias 14, 15, 21, 22, 27 e 29 de agosto.

O PÚCARO BÚLGARO

Uma estranha expedição à Bulgária tem como objetivo descobrir se aquele país existe ou não, pondo em discussão o conceito do real. Texto: Campos de Carvalho. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Ana Barroso, Augusto Madeira. **Teatro Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo 20h. R$ 20 (qui.) e R$ 30 (sex. a dom.). Até 23 de setembro.

O RELATO ÍNTIMO DE MADAME SHAKESPEARE

Sete anos após a morte de seu marido William Shakespeare, Anne Hathaway conta o que aconteceu entre ambos na semana de abril de 1594, em que ele completava 30 anos. Texto: Robert Nye. Direção e adaptação: Emílio di Biasi. Com Selma Egrei e Maria Manoella. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (R. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 9 de setembro.

PÃO COM MORTADELA

A bem-humorada história de Henry Chinaski: pobre, cheio de espinhas, um pai beirando a psicopatia, uma mãe passiva e ignorante, nenhuma namorada e a perspectiva de servir de mão-de-obra barata num mundo cada vez menos propício a pessoas sensíveis. Texto: Charles Bukowski. Adaptação e Roteiro: João Fonseca e Sacha Bali. Direção: João Fonseca. Com Aline Fanju, Gustavo Nunes, Jorge Lucas. **Teatro Leblon – Sala Tonia Carrero** (R. Conde de Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Terça e quarta, 21h. R$ 40. Até 12 de setembro.

POUT-POURRIR

Espetáculo de humor em que comediantes apresentam seus tipos e piadas. Direção: Afra Gomes e Leandro Goulart. Texto e atuação: Mariana Santos, Leandro Muniz. **Teatro Cândido Mendes** (R. Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R$ 30. Até 1º de setembro.

QUEM É QUE MANDA?

Comédia sobre solteirão convicto que não consegue ter relacionamento duradouro com nenhuma mulher. Texto e direção: Duda Ribeiro. Com André Falcão, Karen Junqueira, Marcela Figueira e Lúcia de Sá. **Teatro Cândido Mendes** (R. Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30. Até 2 de setembro.

RUA DOS SONHADORES

Espetáculo integrante do projeto "Ocupação", conta a história de Ana, aspirante à escritora. Texto: Renata Mizrahi. Direção: Diego Molina. Com Bruno Perlatto, Diego Molina, Elisa

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Pinheiro, Gisela de Castro e Renata Mizrahi. **Casa da Gávea – Sala Chiquinha Brandão** (Pça. Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sábado, 21h. R$ 20. Até 30 de setembro.

SAFARI TERAPÊUTICO

O encontro de cinco mulheres num final de semana de tratamento em spa. Texto: Leonel e Rita Fischer. Direção: Lionel Fischer. Com Helena Borschiver, Natasha Cordelino. **Casa de Cultura Laura Alvim - Porão** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. Até 30 de setembro.

TUDO O QUE É TEU, É MEU

Homem chega à casa da irmã depois de anos para reparar um erro do passado e resolve presenteá-la, mas teme sua reação e é surpreendido com uma nova chance que ela lhe dá. Texto: Ana Paula Botelho e Marcelo Mello. Direção: Mônica Lazar. Com Monique Curi e Genésio Machado. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25. Até 2 de setembro.

UM BOÊMIO NO CÉU

Espetáculo poético e musicado sobre um trovador boêmio que morre no dia de São Pedro e tenta convencer o santo de que ele é digno de entrar no céu. Texto: Catullo da Paixão Cearense. Direção e Dramaturgia: Amir Haddad. Com José Mayer, Antonio Pedro, Aramis Trindade e Kátia Brito. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui., sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.). De 17 de agosto a 30 de setembro.

UM DIA ANITA

Espetáculo integrante do projeto "Ocupação". Texto: Julia Spadaccini e Renata Mizrahi. Direção: Diego Molina. Com Angela Bellônia, Morena Cattoni e Tatynne Lauria. **Casa da Gávea – Sala Chiquinha Brandão** (Pça. Santos Dumont, 116/ sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta, 21h. R$ 20. Até 30 de setembro.

UM DIA, NO VERÃO

Mulher não consegue se libertar do vácuo deixado pelo desaparecimento repentino do marido e, 25 anos depois, ainda busca na reconstituição minuciosa do dia em que ele partiu uma explicação para o que aconteceu. Texto: Jon Fosse. Direção: Monique Gardenberg. Com Renata Sorrah, Silvia Buarque, Gabriel Braga Nunes, Bia Junqueira, Dadá Maia e Fernando Eiras. **Caixa Cultural - Teatro Nelson Rodrigues** (Av. República do Chile, 230, Centro). Fone: 2262-5483. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 20 (qui. e sex.) e R$ 25 (sáb. e dom.). De 17 de agosto a 16 de setembro.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Divã

"O grande destaque da peça é o fato de entrar no complexo universo do ser humano nesta época em que tudo é tão igual e pasteurizado. Aliás, por isso é tão boa, porque fala sobre pessoas, tocando homens e mulheres".

Flávio Bauraqui, ator

A alma imoral

"O grande barato é a atriz, Clarice Niskier: seu desempenho, seriedade e estudo. Também sou judia e me identifico com situações da peça, mas ela se comunica com todos. É universal, permeia os valores instituídos e fala sobre a flexibilidade na relação com o outro."

Rosane Gofman, atriz

Isadora Duncan

"Gosto muito do texto, é bem interessante a proposta de uma peça dentro da peça. O espetáculo tem uma plástica muito bonita. Todos estão bem no palco, especialmente a Letícia Spiller, que tem uma presença muito forte em cena".

Andréa Avancini, atriz

Lar...

"Ótima a idéia de reunir várias mãos para escrever o texto. O resultado ficou muito bom e não se perdeu a linha geral. Aliás, o projeto *Ocupação* (do qual *Lar...* faz parte), formado por pessoas bacanas que quebram a caretice pedante da nova dramaturgia, é todo o máximo".

Rodrigo Penna, ator

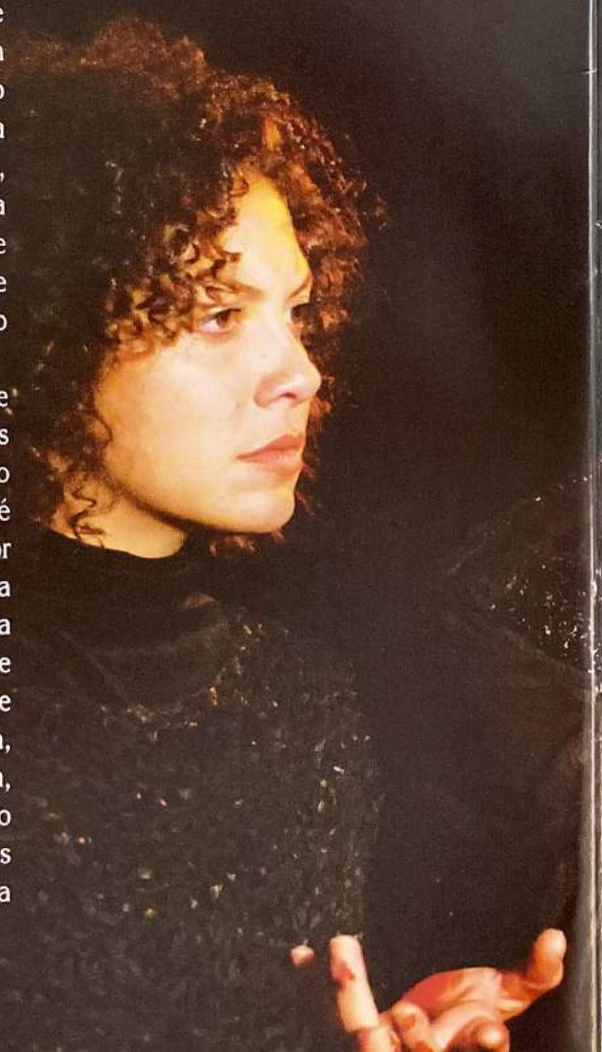
MACBETH

Em clima soturno, montagem de Moacir Chaves traz Bruce Gomlevsky à frente do elenco

Por Janaina Medeiros

"Bem e mal, é tudo igual". Assim a fala das bruxas, que abre *Macbeth*, resume a essência da peça de William Shakespeare. E é por causa desta complexidade humana que seus personagens atravessam séculos de modo tão contundente no imaginário mundial, permanecendo contemporâneos. Na nova montagem dirigida por Moacir Chaves, trilha, cenários e figurinos pontuam o clima sombrio interpretado por Bruce Gomlevsky, que encabeça um elenco de 14 atores, a partir de 14 de agosto, no Teatro Maria Clara Machado (Planetário), em horário alternativo.

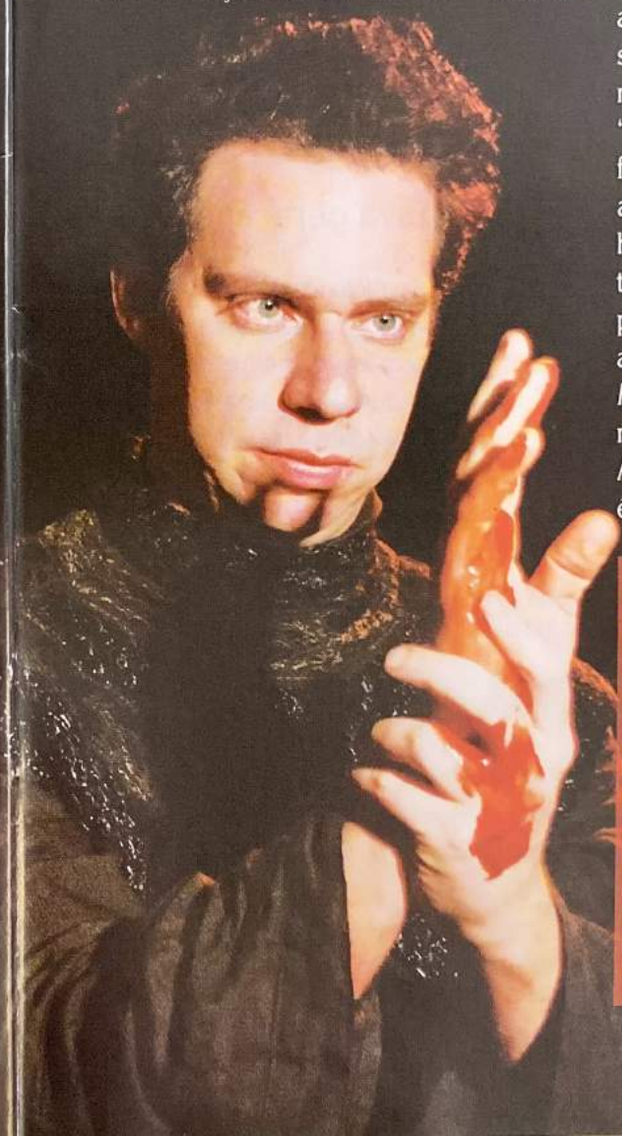
O clássico começa quando Macbeth (Bruce Gomlevsky) e Banquo (Márcio Vito), generais do exército escocês do Rei Duncan (Gláucio Gomes), encontram três bruxas. Macbeth é saudado por elas como futuro Barão de Cawdor e Rei da Escócia, e Banquo como pai de uma linhagem de reis. Logo a primeira parte da profecia se realiza e impulsiona a ambição de Macbeth em se tornar rei. E na noite em que Duncan se hospeda no castelo de Macbeth, este decide matá-lo com a ajuda da esposa, Lady Macbeth (Fabiula Nascimento). O ato brutal dá início a uma de série de assassinatos que Macbeth, já coroado rei, cometerá para manter-se no trono de sangue.



Identificação

No entanto, o *Macbeth* de Moacir Chaves faz questão de fugir do maniqueísmo óbvio entre vítima e vilão e traz à tona o instável equilíbrio entre civilização e barbárie que vivemos atualmente. "Claro que Macbeth é um vilão, assassino cruel, mas apesar disso sentimos simpatia por ele. Provavelmente porque temos alguma identificação", comenta o diretor, que conta com a direção musical de Tato Taborda, cenário de Fernando Mello e figurinos de Inês Salgado para compor um ambiente soturno. "Criamos um espaço asséptico e econômico. Mas economia não significa falta de diálogo, pelo contrário. A ambientação dialoga com os personagens e vai até sua essência. Principalmente pela trilha musical, que trabalha nessa pulsão latente que está prestes a explodir", revela.

"Mostramos como uma ambição desmedida transforma Macbeth num monstro. Em algum momento todos nós podemos estar sujeitos a isso, mesmo que só em pensamento", complementa Bruce Gomlevsky. "Não tinha preocupação em inovar nem fazer nada muito diferente do que já foi feito antes. Encaro este personagem com muita humildade e um grande desafio. Nunca tive tanto prazer no teatro quanto agora", diz o protagonista, que concilia *Macbeth* com a bem-sucedida turnê nacional da peça *Renato Russo*. "São dois personagens muito reais, muito calcados no exercício do ator. Ambos com energias muito diferentes. Um é o claro, outro é o escuro", compara.



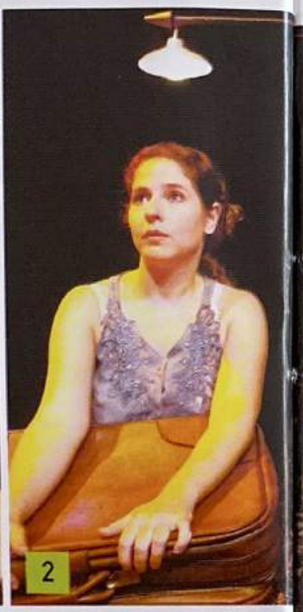
Novos talentos

Com exceção de Bruce Gomlevsky, a seleção de elenco foi fruto de uma oficina com duração de três meses ministrada por Moacir Chaves no Teatro Poeira. Os outros 13 atores foram escolhidos a partir de suas capacidades técnicas de realização e entendimento durante o processo, o que incluiu também trabalho corporal aplicado por Josie Antello, com aulas de segmentação corporal e dança indiana.

FOTO: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

OCUPAÇÃO

1


2

3

Três peças marcam o território de uma nova geração teatral

A temporada é uma só, mas a cada noite se vê um espetáculo diferente. Esta é a proposta da Cia. Teatro de Nós e da atriz e produtora Tatynne Lauria, que uniram forças para mostrar seus trabalhos e marcar o território da nova geração teatral carioca. A iniciativa não poderia ter título mais apropriado: *Ocupação*. O espaço também não poderia ser outro: Casa da Gávea, tradicional celeiro de jovens talentos. E é lá que a trupe se apropria do espaço em horário nobre até 30 de setembro para encenar três peças: *Um dia Anita* (às sextas-feiras), *Rua dos sonhadores* (aos sábados) e *Lar...* (aos domingos). A última tem três atos e foi escrita por três autores (Renata Mizrahi, César Amorim e Fernando Caruso). Cada apresentação contará com um ator convidado.

Idealizado por Renata Mizrahi, Tatynne Lauria e Tatjana Vereza, com direção geral de Diego Molina, o projeto *Ocupação* conta com elenco e equipe técnica de jovens expoentes do teatro que têm em comum a dedicação à pesquisa e a busca por uma linguagem dramatúrgica inovadora e atual. "Vimos que temos a mesma gana de produzir e trabalhar e unimos forças para mostrar o nosso trabalho numa única temporada", explica a autora e atriz Renata, que em junho de 2005 criou a Cia. Teatro de Nós.

Vitrine

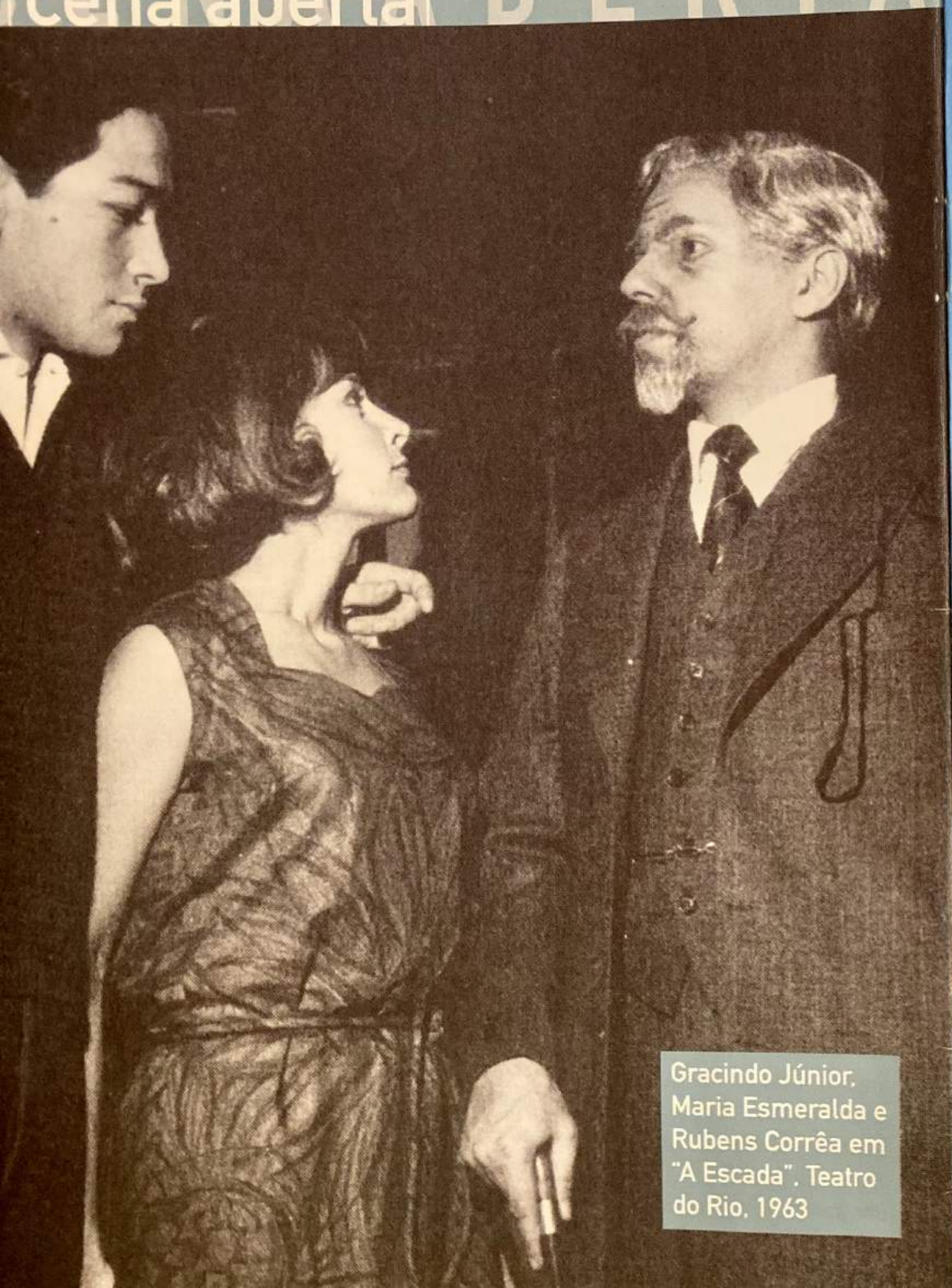
"A nossa proposta de trocar experiências artísticas veio de encontro à vontade da Casa da Gávea por renovar o seu público", continua Renata Mizrahi, 27 anos, que no projeto acumula as funções de co-autora, autora, atriz e assistente de direção. "A Casa da Gávea tem essa tradição de incentivar novos talentos e nós precisávamos dessa vitrine", concorda Tatynne Lauria, 28 anos, produtora do projeto e atriz em duas das peças, ao mesmo tempo em que integra o elenco de *Desesperadas* (em cartaz no Teatro Vanucci). "No meu trabalho de produtora tenho visto muita gente da mesma faixa etária na mesma batalha por espaço. Daí a importância de fazermos essa ocupação", diz Tatynne, também curadora e realizadora do Circuito Carioca de Esquetes (atual Mercadão Cultural) e diretora do Espaço Cultural Sergio Porto há quatro anos.

Além de Renata, Tatynne, Tatjana e o diretor Diego Molina, seis atores fazem parte do *Ocupação* ao lado de Julia Spadaccini (texto), Isadora Medella (trilha sonora), Bruno Perlatto (figurino), Anderson Ratto (iluminação), Manoel Pioci e Roberta Nicoll e Alexandre Guimarães (cenário), entre outros integrantes da equipe técnica.

Histórias

1. **Um dia Anita** - Comédia dramática em que três atrizes interpretam a mesma personagem, dando coloridos variados à sua fragmentação de pensamento. Com 32 anos, Anita acorda para mais um dia de sua vida, sem imaginar quão atípico e intenso ele seria.
2. **Rua dos sonhadores** - Metáfora da vida contemporânea, a peça entrelaça situações absurdas, contextualizadas num meio realista: uma deprimida aspirante à escritora, uma mãe solteira que foi vedete e um rapaz que pensa que virou biscoito recheado de morango.
3. **Lar...** - Comédia escrita a seis mãos, sob o ponto de vista feminino. Numa loja de departamentos, três vendedoras se deparam com a falência do estabelecimento para o qual devotaram seus últimos 10 anos de vida, onde não só trabalham mas também moram.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Gracindo Júnior, Maria Esmeralda e Rubens Corrêa em "A Escada", Teatro do Rio, 1963

BR PETROBRAS apresenta

CIA APLAUSO em

O MamboMbe

de Arthur Azevedo e José Piza

Estréia dia 14 às 20h

Apresentações também nos dias

15, 21, 22, 27 e 29 de agosto

Teatro do Jockey Rua Mario Ribeiro, 410 • Lagoa • Estacionamento gratuito

Rua Bartolomeu Mitre, 1110 • Gávea • Entrada de pedestres

Censura livre • Ingressos R$ 10 (inteira) e R$ 5 (meia)

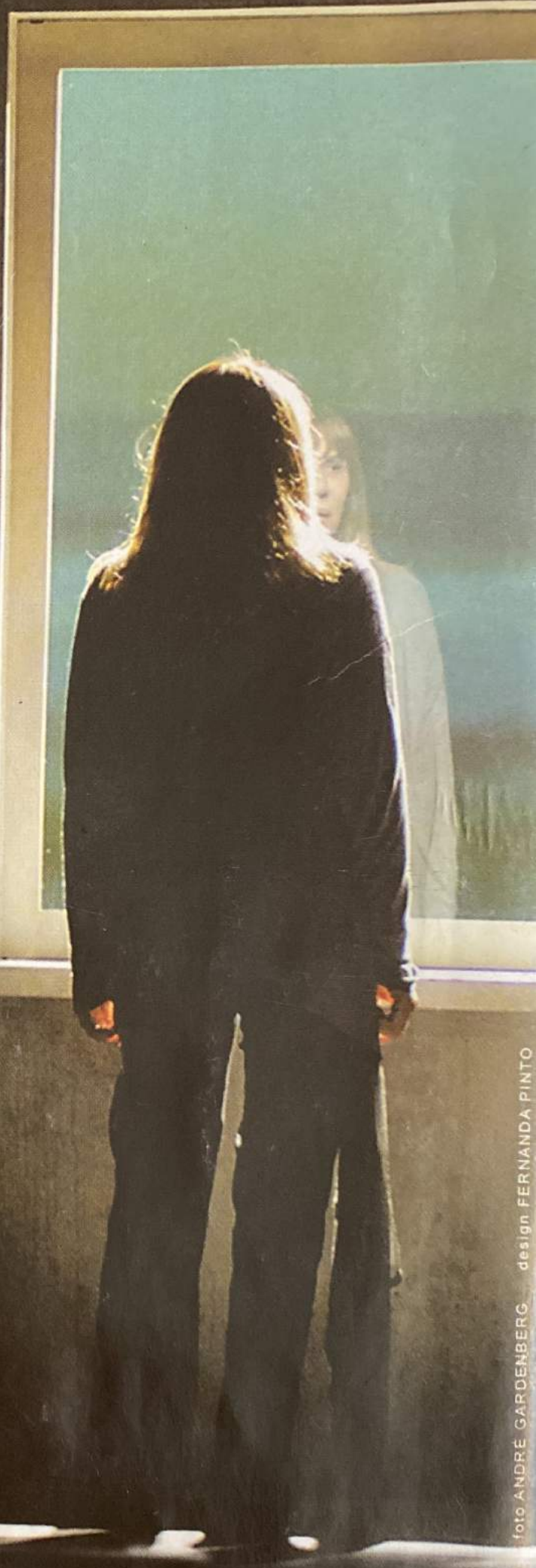
BR PETROBRAS RIO PREFEITURA

classificação 14 anos

CAIXA CULTURAL

apresenta

Um dia, no verão



Renata Sorrah
Silvia Buarque
Gabriel Braga Nunes
Fernando Eiras
Dadá Maia
Bia Junqueira

texto **Jon Fosse**
tradução **Lya Luft**
direção **Monique Gardenberg**
co-direção **Michele Matalon**

17 agosto a 16 setembro

quinta a sábado 21hs domingo 19hs

Teatro Nelson Rodrigues

Av Chile, 230 - anexo - Centro

Contemplado com o FATE 2007

foto ANDRÉ GARDENBERG design FERNANDA PINTO

co-produção Gaveafilmes

promoção

patrocínio Centro Cultural Banco do Brasil · Eletrobrás · Brasil um país de todos Governo Federal · Rio Prefeitura Culturas · CAIXA